



O Camponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

AUMENTAM AS DIFICULDADES DE SALAZAR

A ACÇÃO DECIDIDA E FIRME DAS MASSAS

DERRUBARÁ O GOVERNO!

O assalto ao pacote «Santa Maria» por um grupo de anti-salazaristas chefiado por Henrique Galvão chamou a atenção de todo o mundo para a situação portuguesa e mostrou como, em virtude da prolongada luta do nosso povo, o regime salazarista está desmascarado e desprestigiado.

Por todo o lado se acompanhou com interesse a odisséia do «Santa Maria» e as dificuldades e insucessos da política salazarista. Mas para que o salazarismo seja derrubado é necessário, as massas populares se levantarem decidida e firmemente contra ele.

E os acontecimentos que se deram depois em Luanda só mostram que cada vez é mais necessário acabar com um regime que, com a sua política colonialista, condenada mundialmente, não só está levando a morte e a dor aos povos coloniais como está obrigando a nossa juventude a morrer por uma causa injusta.

Para que o nosso povo seja capaz de conquistar a Paz e a Democracia é necessário intensificar todas as acções de massas.

Se os operários agrícolas lutarem cada vez mais decididos por melhores jornas, contra o desemprego, por contratos colectivos que garantam trabalho e uma jorna mínima razoável, etc. Se os pequenos e médios agricultores lutarem também, unidos, pelas suas reivindicações. Se todos os jovens camponeses e suas famílias lutarem contra o envio de mais tropas para as colónias e exigirem a vinda para Portugal das que lá estão. Se todos os camponeses lutarem contra a repressão e por uma Ampla Amnistia Política e, actualmente, desenvolverem uma intensa campanha para que os que têm direito a voto se inscrevam nos cadernos eleitorais.

Isto é, se em todo o campo as massas trabalhadoras intensificarem a sua acção, assim, e só assim, daremos uma valiosa contribuição para que todo o povo derrube o odiado governo salazarista.

Assim, e só assim, conquistaremos uma Vida Melhor, a Liberdade e a Paz!

OS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS DEVEM INTERESSAR-SE PELAS CASAS DO POVO APROVEITANDO-AS PARA A DEFESA DAS SUAS REIVINDICAÇÕES

As Casas do Povo foram constituídas em 1955. As organizações livres do operariado agrícola organizações que defendiam os seus interesses, tinham sido proibidas e esmagadas. O governo de Salazar considerou então ser necessário criar, nas freguesias rurais, organismos que, dizendo-se defensores dos trabalhadores, os enganassem e ajudassem à exploração do trabalho assalariado.

Mas na base da constituição das Casas do Povo não podia deixar de aparecer, no papel, disposições que interessavam aos assalariados rurais. E é aproveitando tais disposições e desmascarando a demagogia enganadora do salazarismo que podemos, e devemos, interessar-nos pelas Casas do Povo.

Entre os fins que o salazarismo lhes incumbe aparecem: a providência e assistência, a instrução e os progressos locais. No que respeita aos progressos locais, no próprio diploma das Casas do Povo se liga a realização de obras nas freguesias às épocas de falta de trabalho no sentido de combater o desemprego.

Além disso a experiência colhida pelos operários agrícolas de algumas terras mostra-nos como a Casa do Povo se pode transformar num local de concentração onde as massas desempregadas levantam as suas reivindicações e pressionam a Direcção (por mais inimiga dos trabalhadores que seja) a tomar algumas medidas para arranjar trabalho. Igualmente em algumas Casas do Povo têm sido já discutidos e assinados contratos de trabalho.

Tudo isto prova a importância que esses organismos podem ter na medida em que, assentes na nossa

unidade e organização, não nos afastemos deles, como deseja o salazarismo, mas antes os aproveitemos nas nossas lutas.

Nas Casas do Povo do Sul do país, a grande maioria dos sócios é constituída pelos assalariados

agrícolas e por isso estes terão, se se interessarem, possibilidades grandes de colocarem trabalhadores sérios à frente desses organismos.

Para a realização das eleições (continua na 2ª pág.)

SAUDAÇÃO

O ano de 1961 começou praticamente com maiores dificuldades para o regime de Salazar.

O ano de 1961 será de certo um ano de acção intensa da parte de todo o nosso povo pela conquista das Liberdades Fundamentais. Essa luta é irmã da luta dos povos das colónias portuguesas que, visando a sua independência, lutam também corajosamente contra o salazarismo.

No ano de 1961 também todos os camponeses de Portugal terão de lutar abnegadamente pelos seus interesses específicos e pela grande causa da Paz e da Democracia.

«O Camponês», que decidiu a partir deste número voltar a ser o ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL, para se poder dedicar com mais profundidade aos seus problemas e em especial à vida e às aspirações das centenas de milhares de operários agrícolas que mourejam no Sul do País e que tão grandes e heróicas tradições possuem, «O Camponês», dizíamos, no seu primeiro número de 1961, sauda todos os seus leitores e amigos exortando-os a que se unam, e a que se organizem e a que lutem decididamente em defesa das grandes reivindicações que unem todos os homens de boa vontade: a PAZ, a LIBERDADE e o BEM-ESTAR!

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Montargil—Mais de 180 trabalhadores desempregados concentraram-se na Casa do Povo e exigiram trabalho. Como não lhes resolvessem a sua negra situação; foram à Barragem e com machadas tiraram a cortiça de sobreiros que estava dentro dos limites da água e venderam-na para assim matarem a fome às suas famílias. A G.N.R. não deixou de aparecer para reprimir a acção dos trabalhadores.

MONTEMOR-O-NOVO—Também aqui mais de 300 desempregados concentraram-se na Casa do Povo exigindo trabalho. Ao ter conhecimento desta concentração e do descontentamento existente, o delegado do I.N.T. deslocou-se a esta terra e tirando os nomes a todos os trabalhadores distribuí-los por vários trabalhos com a jorna de 19\$60.

SOUSEL—Mais de 100 trabalhadores desempregados foram à Casa do Povo dar o nome para lhes arranjar trabalho, estando dispostos a continuar a sua acção contra o desemprego.

ESCOURAL—Depois de exigirem trabalho na Casa do Povo, os trabalhadores desempregados conquistaram trabalho nas estradas a 19\$60.

S. CRISTOVÃO—Cerca de 50 operários agrícolas têm-se dirigido à Casa do Povo para exigir trabalho.

ARROIOLOS—No dia de Ano Novo cem trabalhadores desempregados concentraram-se na Câmara Municipal e exigiram trabalho.

ALCÓRREGO—25 trabalhadores desempregados conquistaram trabalho numa estrada com a jorna de 19\$60 depois de se concentrarem e exigirem trabalho na Câmara Municipal de Avis.

AVIS—Como resultado de concentrações que fizeram na Câmara Municipal, todos os trabalhadores desempregados conquistaram trabalho em pedreiras.

ERMIDAS—O pessoal desempregado dirigiu-se ao presidente da Câmara de S. Tiago do Cacem para exigir trabalho. Foram abertos trabalhos camarários onde passaram a trabalhar 50 pessoas. Um capataz das obras queria pagar 20\$00 mas em face dos protestos dos trabalhadores a Câmara decidiu pagar 22\$00.

LUTAS POR AUMENTO DE JORNAS

ESCOURAL—Os trabalhadores têm lutado pelo aumento das jornas. Assim na limpeza das árvores as jornas passaram de 23 para 27\$00 e nas carvoarias de 27 para 30\$00.

BARRANCÃO—Também um rancho de 10 homens que trabalham numa carvoaria exigiram aumento das jornas e conseguiram, devido à sua unidade e luta, passar de 25 para 27\$00.

ALCAÇOVAS—Para o Rio Frio foram 120 trabalhadores e para o Pargacho 30, todos contratados para a limpeza de árvores. Os agrários queriam-lhes pagar só a 20\$00 por dia, mas perante a firme recusa de todos em irem trabalhar por essa jorna os agrários pagaram-lhes a 24\$00.

BALEIZÃO—O agrário António Lamprea que trazia um rancho de mulheres a ganhar a jorna de 12\$00 pretendeu pagar só a 10\$00. As mulheres ao saberem do objectivo do agrário disseram-lhe que se baixasse a jorna que se iam embora. Face a esta firme unidade o agrário continuou a pagar-lhes a 12\$00.

PIAS—O agrário João Regado deu a azeitona de empreitada a \$30 o Kg. a um rancho de 80 pessoas. Ao verificar ao fim da primeira semana que o pessoal tirava 40 a 45\$00, disse-lhe que nas semanas seguintes só lhes pagaria a \$25 o Kg. Como protesto o pessoal não trabalhou, então o agrário foi chamá-los e continuou a

(continua na 2ª pág.)

PATRICE LUMUMBA HEROI DO POVO CONGOLÉS FOI ASSASSINADO

Patrice Lumumba, heroi lutador da independência de Africa, dirigente querido e primeiro-ministro eleito, do povo do Congo, foi assassinado juntamente com 2 companheiros, também destacados dirigentes populares.

Com particulares responsabilidades dos colonialistas Belgas e de Hammariskjoeld, que se diz secretário-geral da Organização das Nações Unidas, mas não passa dum desmascarado serventário da reacção internacional. O imperialismo armou a mão assassina da camarilha Mobutu-chombé para praticar este crime internacional que não ficará impune.

«O Camponês», certo de traduzir o sentimento dos camponeses, aliado à profunda dor e indignação do povo do Congo, de Africa e toda a Humanidade progressiva e reafirma nesta hora solene a sua inabalável solidariedade à luta dos povos africanos.

APELO À G.N.R. E P.S.P.

O «Camponês» uma vez mais apela para os elementos honestos das fileiras da G.N.R. e P.S.P. para que alinhem ao lado dos camponeses, na sua luta pela liberdade; pelo pão, e pela paz.

A luta do nosso povo é legítima. Esmagado por mais de 34 anos de feroz ditadura salazarista os camponeses estão há muito condenados a uma morte lenta pela fome. A ridícula jorna chega bem para um homem morrer de fome e ouvir desesperado todo o dia o choro e os gritos dos filhos esfomeados pedindo pão.

Os soldados da G.N.R. e P.S.P. sabem quanto ganham e as dificuldades que sentem, sabem também quanto tem subido o custo de vida de 1958 para cá e os salários são os mesmos e em alguns locais têm baixado.

Os soldados da G.N.R. e P.S.P. são filhos do povo fardados; muitos deles viveram no campo a miséria e a fome dos camponeses. Têm ainda hoje pais e irmãos a trabalhar no campo. Porque perseguir e prender então aqueles que lutam por um futuro melhor?

Com o caso do «St. Maria», os soldados da G.N.R. e P.S.P. puderam ver a alegria e o contentamento no rosto dos camponeses. Numerosos G.N.R. e P.S.P. partilharam dessa mesma alegria, apesar das ordens rigorosas há muito existentes, proibindo qualquer contacto com a população verificou-se uma aproximação que se torna necessário reforçar.

O salazarismo está cada vez mais isolado. O seu esteio mais forte, as forças armadas abalam. Os filhos do povo fardados compreendem cada vez mais que não

devem derramar o seu sangue para defender um punhado de exploradores. Não estão dispostos a embarcar para as colónias; para combater os seus irmãos de cor que lutam pela independência das suas pátrias.

Há pouco os soldados de Infantaria 11, unidos, revoltaram-se para não serem enviados para as colónias e o seu exemplo será seguido por outras Unidades.

Soldados da G.N.R. e P.S.P. aumentai também a vossa participação na luta anti-salazarista. Não aceiteis o odioso papel de força repressiva contra os vossos irmãos que lutam pelo Pão, Trabalho, Democracia e Paz?

TRABALHADORES DO ARROZ!

LUTEMOS POR MELHORES JORNAS!

Começam a deslocar-se para os campos do arroz operários agrícolas de muitas terras do Alentejo e de outras províncias.

Apesar das condições desumanas que os ranchos passam nos quartéis e da violência do trabalho, que sujeita tão frequentemente os homens e mulheres às sezões e outras doenças, apesar disso, os salários pagos aos trabalhadores do arroz são extremamente baixos.

É possível e é necessário lutar por jornas mais elevadas, mas para isso temos que conversar mais para não aceitarmos a primeira oferta que nos aparece.

Como para os trabalhos maiores vão geralmente ranchos de diversos lados, tem muita importância que, no trabalho, nos aproximemos uns dos outros, de qualquer terra donde tenhamos vindo, para conhecermos as condições e podermos unir.

Se soubermos criar uma unidade firme entre todos, poderemos en-

LUTEMOS UNIDOS POR MELHORES JORNAS NAS MONDAS!

Aproveitando o desemprego que existe em todo o Alentejo, os agrários oferecem para os trabalhos das mondas jorna de verdadeira miséria.

Desse modo, nós, que passamos tantas semanas, e meses, de fome, vamos trabalhar sem que o nosso esforço seja compensado pelo menos para nos alimentarmos mais a nossa família.

É necessário estarmos alerta ante tal situação. Se nos combinarmos, isto é, se em conversas e reuniões, assentarmos numa jorna

para as mondas abaixo da qual todos se comprometem a não trabalhar, poderemos conseguir uma jorna mais elevada.

Assim tem sido feito em muitos lados. Assim poderemos fazer por toda a parte desde que saibamos ter paciência nas conversas e persistência para nos unirmos.

Para o trabalho das mondas é muito importante que as operárias agrícolas se combinem também pois são as mulheres as mais empregadas nesse trabalho.

E qual a jorna que devemos combidar? Isso depende, naturalmente, do que se tem passado em cada uma das terras e das possibilidades que vemos em conseguir uma vitória.

«O Camponês» chama, porém, a atenção de todos os operários agrícolas para as jornas que em muitos lados se apontam como jorna mínima a estabelecer nos contratos colectivos de trabalho que reclamamos 30\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres.

Impulsionemos a luta pela Amnistia Política

Em Montevideo, capital do Uruguai, realizou-se de 27 a 29 de Janeiro passado a II Conferência Sul-Americana pela Amnistia aos presos e exilados políticos de Portugal e Espanha.

Essa Conferência reuniu mais de 500 personalidades de diversos países sul-americanos e recebeu o apoio de organizações e individualidades de todo o mundo. Esteve presente uma delegação portuguesa presidida pelo Prof. Rui Luis Gomes.

Nela foi posta a nú a repressão

salazarista e franquista e resolvido chamar a atenção da ONU para a situação na península onde não são respeitados os mais elementares direitos do homem.

Foi também resolvido realizar duas próximas conferências em prol da Amnistia em Portugal e Espanha, uma que reúna representantes da Europa e outra com individualidades de todo o mundo.

Esta importante Conferência, que constitui um apoio de muito interesse à luta do nosso povo; deu-se precisamente numa altura em que se intensifica no país a repressão e o terror salazaristas.

Só na pequena povoação do COUÇO, em alguns dias de Dezembro passado, foram presas trinta pessoas, tendo a PIDE assaltado, altas horas da noite, várias casas revolvido tudo que encontrava, roubado o dinheiro (quase sempre bem pouco) que se lhe deparava e levado para os cárceres mesmo pai e mãe de crianças que ficavam desamparadas.

Com este vil ataque a PIDE pretendeu aterrorizar a população do Couço, cujas tradições de luta tão conhecidas são em todo o país. Mas o povo do Couço não se intimidará e reforçará decerto a sua luta impulsionando agora ainda mais os seus esforços pela libertação de todos os presos políticos.

Essa deve ser a posição de todos os camponeses que, animados pela ajuda dada pelos outros povos e desejosos de fazer vingar no nosso país um ambiente sem repressão nem terror, intensificarão o desmascaramento dos métodos repressivos, a recolha ampla de assinaturas pró-Amnistia e a organização de outras acções que reclamem a libertação de todos os presos políticos, a vinda para o país de todos os exilados políticos e a garantia de liberdade para os que são perseguidos.

tos de que nem a população do Couço, nem os valerosos trabalhadores de Baleizão, esquecerão mais esse inimigo dos trabalhadores.

CARTA DUM LEITOR TRABALHOS FORÇADOS NA HERDADE DA COMENDA

Os habitantes da Comporta têm a condição de servos, pelo menos assim o querem os actuais donos da Comenda, que mandaram afixar papeis onde se diz que todo o pessoal é obrigado a trabalhar para a Companhia, de contrário, serão expulsos da terra onde nasceram. Como se isto não bastasse são fixados salários de fome para a próxima lavra do arroz.

Homens de 18 anos e idosos 18\$00 homens de outras idades 20 e 21\$00.

Com os mais variados motivos os guardas florestais, intrumentem-se na vida de cada um e passam busca às nossas casas. Com que direito? perguntamos nós.

Estas coisas só são possíveis no governo salazarista.

Fora com Salazar. Todos unidos não aceitemos o trabalho forçado que nos querem impor lutemos por melhores jornas

Um trabalhador da Comporta

AS CASAS DO POVO

(continuação da 1ª pág.)

nas Casas do Povo se deve pois voltar também as atenções dos operários agrícolas porque embora não baste a eleição duma direcção honesta para que as aspirações dos sócios sejam bem defendidas, evidentemente que tais direcções, com o apoio e a pressão das massas trabalhadoras, não nos enganarão como tantos lacaios salazaristas nos estão sempre fazendo.

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

(continuação da 1ª pág.)

pagar-lhes a \$30.

Na propriedade dos Machados o trabalho da azeitona é pago conforme a vontade dos agrários. Assim, os trabalhadores na primeira semana só receberam 23\$80 por dia. Isto resultou descontentamento e como na semana seguinte mais de metade do pessoal não foi trabalhar o feitor pagou a jorna de 29\$50.

S. MARGARIDA DA SERRA — Um rancho de camponeses dirigiu-se ao agrário pedindo o horário das 8 horas e aumento de salário. O pessoal passou a trabalhar as 8 horas e o salário de 22\$00 passou para 25\$00.

Os trabalhadores da região comentam favoravelmente a atitude do agrário José Façudo de S. Tiago do Cacem e estão dispostos a lutar para que o horário das 8 horas seja aplicado a toda a região e lutar pelo aumento de jorna.

FETAL (GRÂNDOLA) — Um rancho de mulheres andava nos trabalhos da desmoita a ganhar 9\$00. O pessoal todo unido pediu 10\$00. O agrário acedeu a pagar os 10\$00 nos dias que já se tinha trabalhado, mas suspendeu os trabalhos.

S. DOMINGOS (S. TIAGO DO CACEM) — O pessoal que trabalha

na estrada de S. Domingos, todos unidos; exigiram salários mais elevados. A sua luta foi vitoriosa e os salários passaram de 20\$00 para 25\$00.

A luta contra o desemprego e por melhores jornas é actualmente um dos aspectos fundamentais da luta do operariado agrícola.

É necessário ir à Casa da Povo dar o nome mas é necessário não descançar nisso. Há exemplos que mostram que as concentrações de massas estão conseguindo vitórias.

Como se vê em Ermidas lutou-se imediatamente pelo aumento da jorna que se conquistou, mas ela continua a ser muito baixa.

A luta travada em Montargil é justa pois foi feita duma forma maciça mas é necessário lutar igualmente contra a repressão mostrando claramente que os operários agrícolas não querem morrer de fome.

Lutemos bem unidos contra o desemprego e por jorna que não sejam de miséria.

Esta ofensiva policial no Couço tem como origem a traição, em 1959, de José Candeias, operário agrícola de Baleizão que trabalha actualmente em Beja. Estamos cer-